



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

MIGUILIM, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA: REFLEXÕES SOBRE O USO DA LEITURA COMPARTILHADA EM SALA DE AULA

Rodrigo Agra dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande - rodrigoagra7@gmail.com

Ana Cláudia da Silva Evaristo

Universidade Federal de Campina Grande - anaevaristo1993@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso da leitura de compartilhada no contexto escolar, a partir da leitura da narrativa *Miguilim* (1976) de João Guimarães Rosa, como o objetivo de formar leitores de literatura. Esta reflexão fundamenta-se, portanto, com base na concepção de leitura compartilhada de COLOMER (2007); e nas discussões suscitadas por COSSON (2006) acerca do letramento literário que conduz o aluno ao domínio da palavra a partir dela mesma. Embasamo-nos, de igual modo, nas pesquisas sobre o ensino de literatura em sala de aula destacadas por PINHEIRO (2007). Salientamos que nosso trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa, nascida na disciplina de Teoria da Narrativa, no segundo período do curso de Letras. No artigo faremos um panorama geral sobre a obra e suas respectivas características; apresentaremos a concepção de leitura compartilhada, bem como sua aplicação no ensino escolar; e, por fim, apresentaremos uma proposta de sequência didática literária, a partir da leitura de *Miguilim*.

Palavras-chave: Ensino, Leitura Compartilhada, Narrativa.



Considerações iniciais

A literatura ocupa um lugar diferenciado na sociedade, uma vez que cabe a esta “tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006, p. 17). Se o objetivo é tornar compreensível o mundo ao sujeito, a escola – mais importante agência de letramentos - contribui fundamentalmente para este propósito.

Neste sentido, julga-se necessário, no trabalho escolar com a literatura, ter em vista o letramento literário dos alunos, tendo em vista que é pelo uso da língua escrita que o sujeito participa de comunidades letrada. Por isso, é necessário que se trabalhe com a literatura no âmbito escolar visando, conforme nos aponta (COSSON, 2011, p. 103), “a construção literária de sentidos”, isto é, construir, com o aluno, sentidos sobre o mundo a partir da obra literária e, a partir da visão de mundo, atribuir sentidos ao texto. Com efeito, a escola deve agir com estratégias e metodologias em direção ao fortalecimento e ampliação do letramento literário dos alunos a fim de torná-los leitores proficientes de literatura.

Neste trabalho, portanto, o nosso objetivo consiste em refletir, a partir da obra Miguilim, de João Guimarães Rosa, sobre as contribuições e importância do uso da leitura compartilhada (COLOMER, 2007) em sala de aula como instrumento de ensino para fomentar a leitura de literatura. Contribuem similarmente para este artigo, os estudos realizados por PINHEIRO (2007) sobre o ensino de literatura em sala de aula. Enfatizamos que esta pesquisa é fruto de uma pesquisa qualitativa, nascida na disciplina de Teoria da narrativa, no segundo período do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Faremos inicialmente um panorama da obra e suas respectivas características; em seguida, apresentaremos a concepção de leitura compartilhada, bem como sua aplicação no contexto escolar e, por fim, apresentaremos uma sequência didática literária a partir da leitura de da obra rosiana.

1. Miguilim, de João Guimarães Rosa: a obra e suas características



De acordo com Gancho (2002, p 7) “Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos, sem os quais ela não existe”. São eles: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Identificamos, pois, em seguida, estes elementos na obra ora analisada.

1.1. O enredo

Campo Geral, do livro *Manuelzão e Miguilim*, de João Guimarães Rosa narra a estória de um menino de oito anos, chamado miguilim, chamado miguilim, que mora com sua família no longínquo Mutum, no meio dos Campos gerais. O enredo de Campo geral é o relato de forma lírica da infância do menino Miguilim, junto à sua família e outros personagens, que procura enxergar o mundo a partir de sua sensibilidade, mesclando as suas incansáveis reflexões acerca da vida, seus medos, suas tristezas, seu deslumbramento perante a realidade. Ao enfrentar estes obstáculos, Miguilim conta com a amizade do seu irmão mais novo e melhor amigo, o Dito, nesta busca pela compreensão dos fatos que lhes rodeia. A temática que percorre o enredo enfatiza nitidamente a infância, na qual o protagonista experimenta o amor (da mãe), a amizade (de Dito, de Tio Terêz), a violência (do pai).

1.2. Personagens

Além de Miguilim (Protagonista), a narrativa apresenta um número significativo de personagens, dentre estes, os principais: a mãe de miguilim Nhanina, mulher bonita de cabelos pretos e compridos; o pai, Nhô Berto, homem rude e autoritário, os irmãos Tomezinho e Dito – sendo este o companheiro inseparável do protagonista - Chica e Drelina; Tio Terêz, irmão do pai de Miguilim que, após a morte de Nhô Berto, casa-se com a mãe de Miguilim. Miguilim tem o tem em grande estima.

Cândida Vilares Gancho (2002, p. 15) aponta que as personagens podem ser classificadas quanto à(o):

a) Papel desempenhado no enredo:

Neste sentido, Miguilim desempenha “o personagem principal da história” constitui-se como o protagonista e os personagens secundários, dito, a mãe, o tio, que são aqueles que “podem desempenhar papel de ajudantes do protagonista ou antagonista, de confidentes, enfim, de



figurantes. (GANCHO, 2002, p. 16)”

b) Caracterização:

As personagens caracterizam-se, principalmente, como sendo redondas, isto é, são personagens mais complexas, apresentando uma variedade maior de características, sendo julgado, portanto, de diferentes modos por personagens, narrador, leitor. As características deste tipo de personagem podem, no decorrer da história, mudar, tal qual miguilim que, quando soube da morte do seu irmão, mudou sua perspectiva e, por conseguinte, suas características, conforme demonstra o trecho a seguir:

“Todos os dias que depois vieram, eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisa, e estava no mesmo lugar. (...) Ele não era ele mesmo. Diante dele, as pessoas, as coisas, perdiam o peso de ser. Os lugares, o mutum – se esvaziavam, numa ligeireza, vagarosos. E miguilim mesmo se achava diferente de todos. (p. 74.)

Desse modo, na medida em que avança o processo de maturação de Miguilim, ele adquire novas características e abandona outras. A simples adjetivação, portanto, não recobre todas as características de um personagem como este, que evolui no transcurso da narrativa.

1.3. Tempo e Espaço

Massaud Moisés (2012, p. 409) observa que “três são as modalidades básicas de tempo: 1) o histórico, 2) o psicológico, 3) o metafísico ou mítico”. O primeiro diz respeito ao ritmo do relógio, isto é, segue a ordem natural (cronológica). O segundo, por sua vez, concerne ao tempo interior dos personagens, tempo este que ignora a marcação cronológica, trata-se de um tempo subjetivo, no qual os fatos podem ocorrer ou não na ordem em que se sucederam. O último, conforme salienta Moisés (2012, p. 411): “é o tempo do ser”, sendo este (idem, p. 412): “acima ou fora do tempo histórico ou do tempo psicológico, embora possa neles inserir-se ou por meio deles relevar-se”.

Em Campo Geral, o tempo apresenta-se de duas de dois tempos: o histórico e o psicológico. Num primeiro momento é relatado a infância do menino Miguilim de forma linear, pois segue-se o curso natural da história, haja vista que, na medida em que o tempo se passa, miguilim cresce e amadurece. Entretanto, embora prevaleça o tempo cronológico, há momentos em que o tempo se torna psicológico, uma vez que se passa no mundo das ideias do protagonista.

No que diz respeito ao espaço, Cândida Vilares Gancho (2002, p. 23) afirma que “espaço é, por



definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa. O espaço tem com funções as ações dos personagens estabelecer com eles uma interação. (...)”

Nesse sentido, a história de Miguilim se passa no espaço no espaço rural, num longínquo lugar, cercado por matas e serras, no meio dos Campos Gerais, denominado Mutum, no qual Miguilim reside com sua família, conforme demonstra a passagem a seguir:

“Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d'Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. No meio dos Campos Gerais, mas num covão em trecho de matas, terra preta, pé de serra. (Campo Geral, p. 19). ”

Todavia, “o termo espaço, de um modo geral, só da conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um “lugar” psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo “ambiente” (GANCHO, 2002, p. 23)”. Neste sentido, o ambiente confere ao espaço características que permitem ao leitor identificar as condições socioeconômicas e psicológicas dos personagens. Assim, o ambiente é o espaço onde vivem os personagens, em campo geral, este caracteriza-se pela pobreza, privação, vingança, deslealdade.

1.4. Foco narrativo

De acordo com Abdala Junior (1995), o foco narrativo pode ser entendido como o ponto de vista pelo qual o narrador conta a história. Assim, não existe narrativa sem narrador, uma vez que este é o elemento substancial da história. Há duas perspectivas para se narrar, segundo Gancho (2002): em primeira pessoa ou terceira pessoa. Em primeira pessoa, temos o narrador-personagem, isto é, quem narra a história é um personagem diretamente envolvido com o enredo. Em terceira pessoa, o narrador encontrasse fora dos fatos narrados, porém tem consciência de tudo que ocorre na história, visto que ele é onisciente e onipresente, ou seja, sabe de todas as coisas e está em todos os lugares, respectivamente.

Desse modo, tem-se, em Campo Geral, um narrador observador, que se encontra fora dos fatos narrados e, portanto, não interfere na história, mas possui consciência de tudo que acontece com os personagens e, por vezes, sabe até mais que os próprios personagens, uma vez que é capaz de sondar até mesmo os sentimentos vivenciados pelos personagens.

2. Leitura compartilhada: conceito e aplicação no ensino escolar



A Leitura e escrita nem sempre estiveram disponíveis a todos. Na antiguidade, estas atividades eram restritas aos escribas, oficiais responsáveis por redigir textos, leis, etc., atendendo à solicitação de um governador. Com as grandes revoluções e, sobretudo, com a invenção da imprensa por Gutemberg, no século XV, multiplicaram-se os leitores, os textos escritos e novos modos de ler e escrever surgiram.

Neste sentido, conforme aponta Emília Ferreiro:

“Os verbos ler e escrever deixaram de ter uma definição imutável: não designavam mais (e tampouco designam hoje) atividades homogêneas. Ler e escrever são construções sociais. Cada época e cada circunstância histórica dão novos sentidos a esses verbos. (FERREIRO, 2012, p. 13)”

Com a democratização da leitura e da escrita, entretanto, veio simultaneamente a incapacidade de tornar estas práticas efetivas, visto que, em concordância com FERREIRO (2012, p. 13) “a escola ainda não se afastou da antiga tradição: continua tentando ensinar uma técnica”. Dado a complexidade e quantidade de textos em circulação nos dias atuais, não se sustenta mais a ideia de uma escola que concebe as práticas de leitura e escrita como técnicas, antes deve-se encará-las como processos e, portanto, devem ser construídas paulatinamente.

É necessário, de igual modo, que se compreenda que não basta apenas alfabetizar os alunos, mas aprimorar os letramentos dos alunos - entendido como a condição daquele que aprendeu a ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a leitura e escrita¹. No que se refere a especialmente à leitura, saímos de uma situação em que a leitura de livros era algo restrito apenas as classes dominantes para os dias atuais – a era da informação. Com o advento da internet na década de 80, qualquer indivíduo, que tenha acesso à internet, consegue acessar milhares de livros e lê-los gratuitamente.

A escola – mais importante agência de letramento -, no entanto, continua a exercer o importante papel de garantir aos indivíduos estratégias de leitura e, com isso, aprimorar os níveis de letramentos dos alunos, dentre eles o letramento literário. Porém, a grande questão que se coloca é a seguinte: “como aprimorar o letramento literário do meu aluno”, i.e., “como formar leitores de literatura?” “Quais as etapas e os procedimentos que devo adotar?”

¹ Cf. Soares (2006).



Teresa Colomer (2007, p. 106) assevera que “pode-se afirmar, cada vez com maior segurança e de maneira cada vez mais pormenorizada, que a leitura compartilhada é a base para a formação de leitores”. A autora, ao fazer tal afirmação, propõe que a leitura seja compartilhada, no sentido em que a aprendizagem seja social e, ao mesmo tempo, afetiva, uma vez que ao construir sentidos conjuntamente os alunos firmam também vínculos.

Colomer (2007) sustenta ainda que:

“Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referência e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143)”

Na aplicação de tal perspectiva na escola, faz-se necessário abandonar as práticas tradicionais desenvolvidas no ensino de literatura, nas quais o aluno ouve o professor falar-lhe acerca da obra e das características desta e, em seguida, é solicitado que o aluno emita uma simples resposta pessoal, de modo que “se dá por entendido o significado”. Neste sentido, os alunos só desfrutam do conhecimento proposto pelas atividades sobre a obra, limitando-se ao que foi proposto. Portanto, na escola, os sentidos dos livros lidos devem ser construídos em conjunto, de modo compartilhado de sorte que se invista menos em respostas prontas e acabadas e valorize-se mais os esforços em busca dos sentidos.

Cabe ao professor “compartilhar o entusiasmo com seus alunos; compartilhar a construção de significado; compartilhar conexões que os livros estabelecem entre eles. (CHABERS, 1993 apud COLOMER, 2007)”. Desse modo, para se estimular à leitura, o professor deve, previamente, compartilhar o seu entusiasmo com a turma, oferecendo-lhes segurança, demonstrando, assim, envolvimento com a construção dos alunos. Na construção dos sentidos, deve atuar como mediador, como leitor mais experiente, mas nunca influenciando/determinando os sentidos do texto. Por último, através da leitura compartilhada, observar diferenças e semelhanças com textos (livros) da mesma temática.

Com base nisso, propomos as atividades a seguir, tendo em vista que tal abordagem propiciará aos alunos uma aprendizagem mais eficaz e contextualizada:



Sequência Didática

TEMA: *A VISÃO METAFÓRICA DO PERSONAGEM MIGUILIM*

DISCIPLINA: *LÍNGUA PORTUGUESA*

ESCOLA: XXXX

TURMA: *2º ANO DO ENSINO MÉDIO*

PROFESSOR(A): XXXX

PREVISÃO DE AULAS: 22 (*11 horas e 50 minutos*)

OBJETIVO GERAL:

A partir do romance “Miguilim” de João Guimarães Rosa, utilizar esse gênero para ampliar o letramento dos alunos do Ensino Médio. Essa visão torna-se uma estratégia para despertar o gosto pela literatura e ampliar novos horizontes para que os alunos possam observar o quão rico e vasto é o mundo literário. Esse trabalho dispõe de propor atividades que contemplem toda a literatura do romance e trabalhar os seguintes elementos: estratégias de leitura, forma, função e conteúdo temático.

OBJETIVO ESPECÍFICO:

O objetivo específico desse plano se alicerça em expor o estudo do gênero textual romance, onde, levaria o aluno a (re)conhecer esse gênero e suas características em qualquer suporte ou situação. Desse modo, irá ser trabalhado as estratégias de leitura, não só por questões formais, mas para ampliar os letramentos literários do educando, criar prazer pela leitura e descobrir um mundo vasto que os livros nos proporciona.

CONTEÚDO PROGRAMADO:

Gênero textual romance

Estratégias de Leitura



Características do gênero

Megainstrumento

METODOLOGIA:

- **Aula expositiva dialogada:** *Ao expor o romance “Miguilim” de João Guimarães Rosa, o professor irá propor a exposição do conteúdo, juntamente com a participação ativa dos alunos, pois, ao longo das aulas ocorrerá uma construção de conhecimentos. O professor levará os alunos a leitura do romance e em seguida fazer questionamentos, interpretações e discursões sobre o objeto de estudo, desse modo, leva o aluno a ter um confronto entre o dado/novo e conseqüentemente a (re)conhecer o tema e o gênero proposto.*
- **Aula procedimental:** *A partir do romance “Miguilim”, o professor pode utilizar nas aulas elementos que valorizem questões socioculturais. Desse modo, pode ser levado para sala de aula o filme “Mutum” onde retrata uma nova impressão do romance Miguilim, podendo fazer uma comparação entre o romance e adaptação. Levar aulas dinâmicas como: leitura compartilhada, interpretação por desenhos, aulas fora do âmbito da sala de aula e palestras a respeito do conteúdo.*
- **Estudo dirigido:** *Durante a sequência o professor irá intervir com atividades para medir e fixar o conhecimento. Esses estudos serão direcionados pelo par mais desenvolvido, que, neste caso, pode ser o professor ou o aluno (algumas atividades serão feitas em grupos). Essas atividades solidificam em exercícios individuais e em grupos.*
- **Avaliação:** *Como estamos trabalhando estratégias de leitura e ampliação de novos letramentos, ao longo dessa sequência os alunos serão avaliados com algumas atividades que valerão pontos positivos e por fim uma avaliação global escrita valendo 10 pontos. Essa avaliação escrita servirá de diagnóstico para a trabalhar elementos da escrita futuramente nas aulas de gramática.*

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

- ✓ Livro ou xerox de “Miguilim” de João Guimarães Rosa
- ✓ Datashow
- ✓ Cartolina
- ✓ Lápis colorido
- ✓ Caixinha de som

✓ Xerox

CRONOGRAMA:

Atividade	Qtde. de Aulas	Tempo Previsto (minutos)
<i>Apresentação do conteúdo, trailer do filme Mutum e discursão sobre as primeiras impressões do livro (motivar os alunos)</i>	2	100
<i>Apresentação do livro e do autor. Leitura compartilhada das páginas 19-27</i>	2	100
<i>Apresentação do filme “Mutum” (para casa, a leitura das páginas 28-36, para a discursão na próxima aula)</i>	2	100
<i>Atividade relacionada ao filme (essa atividade é proposta para fazer uma comparação entre o filme e posteriormente a obra)</i>	2	100
<i>Leitura no pátio da escola das páginas 37-45, após a leitura trabalhar as primeiras interpretações dos alunos, juntamente com o contexto disposto na obra</i>	2	100
<i>Aula expositiva sobre o gênero textual romance (apostila feita pelo professor)</i>	2	100



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

<i>Leitura das páginas 46-54 no pátio da escola, utiliza-se o método da leitura compartilhada. (Para casa, a leitura das páginas 55-63, pois, na aula seguinte será feita uma atividade)</i>	2	100
<i>Após a leitura das páginas 55-63, o aluno fará uma interpretação desenhada desse trecho do romance (utilizará cartolina e lápis colorido, posteriormente, será exposto nos corredores da escola)</i>	2	100
<i>Leitura compartilhada das páginas 64-72 em sala de aula com as cadeiras dispostas em círculo.</i>	2	100
<i>Leitura compartilhada das páginas 73-83, pois, ocorrerá uma discussão de uma nova interpretação e um novo contexto</i>	2	100
<i>Palestra: A visão metafórica de Miguilim: contexto de literatura, romance e cinema</i>	2	100
<i>Avaliação: Prova “A visão metafórica do personagem Miguilim”</i>	2	100
Total:	24	1200

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Referências bibliográficas

- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira de. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. UNESP, Agosto -2011. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf> Acesso em: 07/10/2016.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.
- FERREIRO, Emilia. **Passado e presente dos verbos ler e escrever.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** Série princípios. São Paulo: Ática, 2002.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. **Introdução à análise da narrativa.** São Paulo: Scipione, 1995.
- MASSAUD, Moises. **A criação literária: Poesia e Prosa.** 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.
- PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** Campina Grande: Bagagem, 2007.
- ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim: Corpo de Baile.** 11 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento.** São Paulo: Contexto, 2008.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br